



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

PERCURSO TEÓRICO DE UM ESPAÇO INTERDISCIPLINAR: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E GÊNERO

Polliana de Luna Nunes Barreto³⁹¹

Patrícia Helena Carvalho Holanda³⁹²

Francisca Geny Lustosa³⁹³

RESUMO

Nesta comunicação nos dedicamos à constituição do campo historiográfico referente ao debate de gênero, de modo a apresentar ao leitor a relevância desse campo para o desenvolvimento de pesquisas que possam contribuir para elucidar questões atinentes à educação contemporânea. Como resultado preliminar de uma pesquisa de Doutorado vinculada a Linha de História da Educação Comparada no Programa de pós-graduação em educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará trazemos os resultados da primeira fase da investigação, que tem seu desenvolvimento em face do levantamento bibliográfico relativo à temática eleita, a saber: Gênero, Representações, História de Mulheres. Assim chegamos ao cenário de elaboração desses espaços teóricos e comunicamos os resultados alcançados neste artigo.

Palavras-chave: História, Gênero, Feminino.

INTRODUÇÃO

Este artigo dedica-se à constituição do campo historiográfico referente ao debate de gênero, de modo a apresentar ao leitor a relevância desse campo para o desenvolvimento de pesquisas que possam contribuir para elucidar questões atinentes à educação contemporânea.

Esses escritos são resultados parciais da minha pesquisa de doutorado vinculada ao programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC-FACED), na linha de pesquisa História da Educação Comparada, eixo Família, Sexualidade e Educação. O objeto central de estudo desse projeto são as produções discursivas/circulação de ideias (imprensa, escola, religião) que intencionaram fabricar/produzir representações de feminino

³⁹¹Doutoranda em Educação Brasileira (UFC/LHEC). Docente da Universidade Federal do Cariri (UFCA/IESA).Email:polliana.luna@ufca.edu.br.

³⁹²Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará e pós-doutora na área de concentração de Desenvolvimento Profissional Docente (UNB). Professora de Psicologia da Educação do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC.Email:profa.patriciaholanda@gmail.com.

³⁹³Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. Ministra as disciplinas de Educação Especial, Educação Inclusiva, Práticas de Ensino em Educação Inclusiva e Letramento e Alfabetização.Email: franciscageny@yahoo.com.br.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

na região do Cariri cearense e os impactos de tais representações nos papéis esperados e/ou ocupado para e pelo feminino, identificando quais as repercussões nos espaços da família, da educação e da sexualidade.

A fim de constituir o fio condutor do projeto tratamos de nos debruçar sobre a literatura concernente à História de Mulheres e História de Gênero enquanto espaços teóricos correlacionados ao campo da História da Educação Comparada. Desta feita, na primeira fase da investigação nos dedicamos ao levantamento bibliográfico relativo à temática eleita, a saber Gênero, Representações, História de Mulheres, assim chegamos ao cenário de elaboração desses espaços teóricos e comunicamos os resultados alcançados nesta comunicação.

Na primeira seção trataremos de crise do paradigma masculino que se delineia em torno das alterações políticas e econômicas que a Europa vive a partir do século XVIII e que em maior ou menor medida abala a confiança nas verdades até então propagadas. O cenário que se reconfigura é de crise da racionalidade e do masculino, são as raízes para a ascensão séculos mais tarde de toda uma literatura que busca discutir as questão de gênero tendo o feminino não mais como o sexo incompleto ou complementar.

A segunda parte desta comunicação traz para o leitor o panorama de configuração do campo historiográfico da História das Mulheres e conseqüente ascensão do debate de gênero que se consolida neste século, relacionando-os às mudanças no modo de perceber o fazer histórico. Na esteira dessa discussão, vimos na terceira seção relacionar a ascensão dos campos de estudos relativos ao feminino com o debate erigido pelos estudos em História da Educação Comparada e a importância da retroalimentação entre eles.

Esperamos assim, trazer ao leitor nossa contribuição para os estudos sobre o feminino em interface com os atuais debate no campo da História da Educação Comparada.

CRISE DO SUJEITO E DO MASCULINO A LUZ DA PSICANÁLISE

Durante o século XVIII se configura um cenário de mudanças no âmbito político, econômico e social que viabiliza uma crescente discussão dos paradigmas em voga até então, é verdade que movimentos que eclodiram naquele momento tiveram eco nos séculos posteriores impactando na crise da razão, ou poderíamos chamar de uma crise do sujeito clássico pautado no paradigma racional.

A alteração política paulatinamente sentida na Europa com o advento das repúblicas, a descentralização política consolidada com o fim do absolutismo e consolidação dos parlamentos, e



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

o aprofundamento do debate acerca da democracia aprofunda a fragilidade do poder representado pela soberania do monarca. Tanto é clara essa nova conjuntura que Neri (2005) afirma que no final do século XVIII a ordem monárquica quase inquestionada e todos os seus privilégios é substituído por um campo móvel e múltiplo de forças.

A revolução francesa como evento marco das transformações políticas no Ocidente eleva ao patamar de princípios gerais da política a partir de então a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Apesar das significações que esses conceitos abarcam é fato que tais valores carecem de ressignificação diante da realidade de um sistema econômico que longe de buscar a igualdade entre os homens, conduz a uma densa teia de relações que cerceiam a amplitude desses valores. O sistema capitalista a se consolidar no século XIX é no berço do iluminismo gestado, e seus princípios são (re)alinhados numa perspectiva filosófica, de modo a atender às necessidades das classes que se reformulam. Ao chamar atenção para as bases de surgimento do capitalismo e do regime democrático queremos chamar atenção para o fato de que tais processos historicamente localizados oferecem elementos para compreensão da crise do sujeito. Deus deixou de ditar as regras morais, a sociedade ganha a partir do Iluminismo a responsabilidade de ordenação da vida social e os sujeitos passam a encarar os valores de uma sociedade fortemente patriarcal contudo respirando ares de liberdade e igualdade que são debates que não coadunam com o regime patriarcal.

No afã de conceber um conhecimento científico que conduza a igualdade de direitos entre os cidadãos, a autoridade do masculino passa a ser questionada, a superioridade do homem enquanto ser que guarda a masculinidade defendida classicamente pelos gregos, a exemplo de Aristóteles, se fragiliza na medida em que a discussão metafísica se esvai em oposição ao fortalecimento do debate científico.

Na busca de compreender o mundo a partir da razão e elaborar saberes que abarcassem o conhecimento do todo, a Ciência faz surgir o segundo sexo, o feminino até então uma anomalia do masculino passa a ter existência própria, e esse fato é preponderante para ampliar múltiplas discussões sobre o papel do masculino e do feminino na sociedade no século XIX com repercussões no século XX. Nesse sentido afirma Neri (2005) “A modernidade instaura uma crise da hegemonia do masculino, até então plenamente assegurada.”(p.62).

No século XX vê-se consolidar novos espaços de atuação científica e o debate acerca da sexualidade e do gênero se congrega no âmbito das ciências médicas e biológicas, tanto que a psicanálise surge na interface desses campos do conhecimento científico. Estando diante de uma lacuna a ser preenchida, pergunta-se qual o papel do masculino? Quem poderá defini-lo senão a



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Ciência, dona e senhora do conhecimento? O modelo essencialista amparado na Biologia apregoa a existência de dois sexos que determinam o gênero e impactam nas características psicológicas e emocionais do indivíduo, e assim conforme esse modo de encarar a sexualidade a mulher guardaria relação com características e valores próximos à paixão e à maternidade destinando-ao espaço privado e ao homem de forma oposta a razão o levaria a atuar no espaço público. Ainda segundo Neri (2005) essa era uma tentativa de restauração do lugar tradicional no masculino, diante dos embates acerca da função do indivíduo na sociedade, o modelo essencialista era suficiente para justificação do patriarcado “trata-se de uma estratégia de preservação do pai como aquele que encarna a ordem na civilização e da afirmação do papel determinante do homem na cultura”(p.62).

Ao longo do século XX o debate sobre os papéis sociais dos indivíduos alicerçados nas questões atinentes ao gênero e suas representações se ampliou juntamente com a consolidação dos campos científicos. No âmbito da psicanálise destacamos a obra de Freud (2010) para quem civilização e cultura se confundem e exercem dois papéis básicos a saber: conter os instintos e adequar o indivíduo à vida em sociedade. Assim se modelam normativas de condutas em acordo com os ideias de individuo que são elencados cientificamente para que se promova a civilização da modernidade. Para Freud (2010) “As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual.”(p.25). Assim sendo, cada sujeito desempenha um papel bem definido na sociedade, e assim deve ser tendo em vista a inviabilidade de sobrevivência da espécie humana frente à ausência da civilização enquanto elemento que impõem regras de conduta necessárias a existência da sociedade.

A sexualidade e os papéis a serem desempenhados se naturalizam socialmente e segundo Foucault (2014) são confiscados pela família conjugal e o debate fica restrito ao espaço privado. Nesse sentido concordam Foucault (2014) e Freud (2010) o sexo e trabalho não são conceitos que se complementam no capitalismo, assim é que o homem na visão de Freud (2010) abre mão de uso de toda sua energia psíquica na atividade sexual para empregar em finalidades culturais, podemos deprender disso o trabalho e a produção de bens, ao mesmo tempo Foucault (2014) explica que numa época em que sistematicamente a força de trabalho não se poderia tolerar que houvesse energia dissipada nos prazeres, salvo aqueles que de alguma forma trouxesse resultados favoráveis à organização social ou como diria Freud (2010) à civilização.

Diante do regramento dessa sociedade alicerçada em um modelo de desenvolvimento e produtivíssimo e ao mesmo tempo imersa numa crise de valores quanto aos papéis a serem desempenhados pelos indivíduos, uma variada gama de orientações são elaboradas com fins de consagrar o masculino e o feminino aos seus lugares devidos na organização social. Tanto que



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

manuais de comportamento cientificamente elaborados caíram no gosto dos leitores do século XX, foi comum a edição de periódicos diversos e livros com fins de instruir o homem e a mulher modernos sobre seus papéis na vida em sociedade e para tanto pautaram-se em conhecimentos produzidos por variadas áreas do conhecimento. A título de exemplo podemos citar a Biologia à serviço da higienização da família, a Educação enquanto campo do conhecimento responsável por definir os limites e meandros do processo pedagógico para formação do homem moderno ou ainda a Medicina pautando a construção de um saber direcionado à cura do sujeito que vive e produz em família.

A Psicanálise inaugurada com Sigmund Freud (1856/1939) enquanto novo campo do saber que se constitui no começo do século passado e apresenta como um espaço privilegiado de debate das questões de gênero, contudo, em sua gênese especialmente vinculado ao lugar de fala do feminino. O feminino se apresenta inicialmente como objeto dessa nova ciência e o masculino aquele que visa o decifrar, deve-se considerar a ordem do discurso na modernidade, o feminino torna-se objeto num espaço de tensão com o masculino, tanto que a crise do paradigma do masculino permanece e se aprofunda e amplia academicamente o debate em face da tendência à restauração do papel no masculino ameaçado na medida em que feminino ganha voz e aponta para a existência da diferença e advoga pelo reconhecimento e valorização da diferença na via da equidade.

Na seção a seguir trataremos das contribuições dadas pela historiografia para a compreensão das relações de gênero ao focalizar o feminino ao mesmo tempo em localizaremos nosso objeto de estudo em meio a constituição do campo historiográfico em comento.

A HISTORIOGRAFIA E O FEMININO

No final do século XIX e no início do século XX vemos um esforço para relocalizar o lugar da mulher na sociedade, considerando aí a feminização de variadas ocupações profissionais. O estudo do feminino na via das questões de gênero é um debate relevante para a discussão das configurações dos processos educacionais na contemporaneidade. Deve-se levar em consideração uma densa teoria de relações na perspectiva do social, econômico e cultural que influencia diretamente os modelos educacionais à luz dos referenciais históricos em cada espaço e tempo na história da humanidade. É também um campo relativamente recente, em meio a espaços constituídos e reconstituídos, uma história dedicada ao feminino com campo específico consolidado



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

surge na década de 60 do século passado com a alucinação de História de Mulheres e chega ao século XXI como envolta na questão de Gênero. Informa Perrot (1995):

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco constituído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem. (p.13)

Nesse sentido e ainda anterior à constituição do campo historiográfico relativo à História de Mulheres podemos destacar o trabalho do historiador e filósofo Jules Michelet (1798-1874) que dedicou-se a tratar da relação homem-mulher e seus impactos na vida sócia, ainda que de forma indireta, em uma de suas obras. Tendo, por óbvio, o autor escrito sua obra em acordo com o valores de seu tempo, em seu livro *A Feiticeira* (1862) deixa transparecer os papéis do masculino e do feminino identificando-os respectivamente com esfera pública e a esfera privada. O autor mostra as consequências negativas para a sociedade quando ocorre confusão entre esses papéis. Deve-se considerar as fragilidades da obra, quando tenta apresentar uma explicação da realidade usando para isso a História, apesar da preocupação do autor com a cientificidade de sua escrita, os elementos presentes na referida obra transitam entre História e Literatura (TEIXEIRA, 2013). Conforme aponta Perrot (1995), e podemos afirmar isso da obra Michelet (1862), a mulher é colocada em situação dicotômica entre a virtude e o vício. Apesar das interpretações e críticas, Michelet (1862) fala de mulheres num momento anterior a constituição de um campo historiográfico específico para um estudo da história desses sujeitos. Sobre Michelet (1862) afirma Perrot (1995):

Segundo ele, a natureza feminina tem dois pólos, um branco e um negro: de um lado, a maternidade, o doméstico; de outro, a superstição, a crueldade, o sangue, a loucura, a histeria. Que as mulheres se ajustem ao primeiro pólo, tudo bem. São, dessa maneira, a pura encarnação do Povo generoso. Inclinando-se elas na direção do segundo, a história perde suas leis e as catástrofes se sucedem. Exemplos: Catarina de Médicis; ou mesmo as "tricoteiras" da Revolução francesa, terminando no Terror. (p.14)

De toda forma, não se deve tornar ousar tornar invisível a contribuição de Michelet, a própria Perrot (1995) afirma que sua grande contribuição foi levar a sério a relação entre os sexos, algo impensável pela escola Positivista.

A constituição de uma história que focalize a multiplicidade de sujeitos e suas realidades se apresenta como desafiadora tanto quanto necessária e instigante. Mulheres ricas e pobres, brancas e negras, burguesas e proletárias carecem de serem lembradas a fim de compreendermos as relações sociais e políticas que permearam suas existências e que nos dão algumas clarezas na tentativa de compreender a realidade.

A ampliação dos movimentos sociais e criou um cenário favorável para que a Ciências Sociais e as Humanidades dessem especial atenção a grupos humanos marginalizados, a História



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

por exemplo passou a interessar-se cada vez mais por construir conhecimentos acerca do passado de outros sujeitos além daqueles que ocuparam o espaço da História Política mais tradicional, como é o caso do Negro, da Criança, das Mulheres, dos Transexuais, do Operário, do Idoso entre outras categorias. O surgimento do feminismo na década de 60, o surgimento de grupos revisionistas marxistas e ainda o fortalecimento da História das Mentalidades e da História Cultural foram decisivas para o avanço na abordagem do feminino. Segundo Soihet (1989) a pressão ocorrida inicialmente nos Estados Unidos diante da onda feminista viabilizou o surgimento de cursos, colóquios, grupos de reflexão na universidades tendo como objetivo desenvolver estudos dedicados às mulheres, as pesquisas se multiplicaram e o novo campo começava a se institucionalizar, durante a década de 70 esses trabalhos se disseminaram pela Europa e pelo mundo e em pouco tempo a questão o feminino e o masculino ganhou um lugar na história. Ressalte-se o papel da História Cultural que se consolida na segunda metade do século XX e se dedica a micro campos variados. Conforme aponta Soihet (1997) em sua contribuição na obra de Cardoso e Vainfas (1997):

Fundamental, neste particular, é o vulto assumido pela história cultural, preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais: os operários, camponeses, escravos, as pessoas comuns. Pluralizam-se os objetos da investigação histórica, e, nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história. (p.263)

A produção historiográfica sobre mulheres no Brasil tem ponto alto na década de 80, a exemplo da historiadora brasileira June E. Hahner (1981) que desenvolve um estudo sobre as lutas empreendidas pela mulher brasileira, destaca o surgimento do feminino no Brasil, a criação da imprensa e focaliza o papel das mulheres da elite nesse cenário. Outros estudos relevantes se seguem a este destacando a mulher no campo da História Social, como os de Maria Odila Leite da Silva Dias (1984), *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, livro que apresenta a força da resistência das mulheres pobres no século XIX. Margareth Rago publica, em 1985, *Do cabaré ao lar* e *A utopiada cidade disciplinar*, que tratam das formas de resistência informal de operárias e anarquistas no começo do século XX. Destacamos outras obras como as de Magali Engel (1988) sobre a prostituição e o discurso médico, Martha de Abreu Esteves (1989), que trata dos casos de sedução de meninas no Rio de Janeiro da Belle Époque, e o de Raquel Soihet (1989), que dedica-se ao tema da violência contra a mulher na República.

Aproximando-se da história das mentalidades, Laura de Mello e Souza (1986) apresenta as feiticeiras em *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. Mary del Priore (1990) em sua tese de doutorado se dedica ao cotidiano, ao sentido da feminilidade e aos discursos morais da Igreja Católica na Colônia. O feminino se engloba aos temas família e sexualidade, Eni de Mesquita Samara (1988)



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

estuda a rede de relações familiares e os sistemas de dote no século XIX. As mulheres consagradas à igreja também são sujeitos dessa historiografia, Mezan (1992) investiga as formas da sociabilidade feminina nos espaços dos conventos e dos recolhimentos da Colônia.

Durante a década de 80 se produz uma historiografia preocupada em conferir destaque particular a atuação da mulher como sujeito histórico, e portanto, à sua capacidade de luta e de participação na transformação das condições sociais de vida, olha-se para as mulheres de outras classes sociais, volta-se para a História Social e para as mentalidades em profusão com a História Cultural. A História das Mulheres no Brasil nasce no âmbito da historiografia do trabalho, contudo, se dinamiza na medida em que o trabalho deixa de ser o elemento uno que explica a vida em sociedade, Thompson (1981) já advertia, do interior do marxismo, ao historiadores acerca dos perigos da tipificação, da noção de classe como uma identidade pronta e acabada. Foucault por sua vez, vem reforçar a crítica à história social quando esta trabalha com identidades definidas. Apesar da tipicidade criada, essa dicotomia foi até certo ponto importante pois favoreceu uma mobilização política. Ao largo de uma identidade típica para a mulher, se disseminou ainda o predomínio de uma imagem de vítima ou ainda de rebelde conforme aponta Soihet (1997), se delineava um incomodo teórico no campo da História de Mulheres, era preciso atentar para um detalhe que redefiniria os rumos da historiografia o sujeito da história não é uma figura universal, assim como mulher não é uma categoria uma.

Desde a década de 70 o gênero tem sido o termo utilizado para conceituar o que está relacionado à questão d diferença sexual, é um vocábulo que vem fazer frente ao determinismo biológico e trazer à tona as questões sociais que interferem na constituição da subjetividade. Nesse sentido ao invés de colocar o feminino e o masculino em lugares oposto eles vem para o campo do relacional, ao mesmo tempo a categoria classe e raça se retroalimentam com a primeira, portanto do ponto de vista metodológico o historiador passaria a articular esses três eixos gênero, classe e raça com fins de melhor abarcar as evidências e realizar as perguntas de pesquisa mais adequadas.

Em meio a constante reformulação de conceitos, ser mulher comporta inúmeras possibilidades e não diz muito sobre sua identidade. Novos estudos se alargam, são lançados novos elementos de discussão para pensar a mulher, e o feminino se apresenta como uma categoria a ser mais explorada enquanto o gênero em toda sua complexidade toma o lugar do debate. Nessa esteira, avançam estudos sobre a vida privada, no âmbito da vida privada estão a família, a sexualidade, as relações entre outros aspectos, o feminino e o masculino carecem de ser explorados se se quer compreender as relações humanas em sua esfera privada. Nesse sentido, é de grande contribuição o



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

papel da Antropologia com seus objetos e desejo de compreensão da formação do casa, parentesco, relação pais e filhos, logo uma história da família seria muito bem vinda, sendo os historiadores muito influenciados pelos antropólogos. Lévi-Strauss, Martin Segalen, Yvonne Verdier, Christiane Klapisch-Zuber, Philippe Ariès, Georges Duby e Michel Foucault são alguns dos nomes de relevo nessas temáticas, como antropólogos, historiadores e sociólogos contribuíram para o entendimento dos elementos que bailam entre a esfera privada e pública e que definem os papéis de gênero. Foucault, por sua vez já em 1976 lança o seu *La volonté de savoir*, o primeiro livro da trilogia de sua *História da Sexualidade*.

A História Cultural ao se consolidar como espaço teórico alarga o debate e lança novos elementos de discussão para pensar a mulher, o feminino se apresenta como uma categoria a ser mais explorada e o gênero em toda sua complexidade toma o lugar do debate. Joan Scott (1989) tece uma crítica incisiva ao tendência de criar similitudes entre os papéis de homens e mulheres ou ainda a de ao levar as diferenças criar uma cultura essencialista, utilizando a categoria mulher como elemento fixo. Em 1991, Michelle Perrot (1995) e George Duby pretenderam realizar uma história de gênero através da obra *A história das mulheres no Ocidente*, em cinco volumes, a pesquisa que os autores desenvolveram busca dar conta da relação entre os sexos, muito mais do apenas focalizar o sujeito mulher na constituição historiográfica.

Falci (2007) ao abordar as mulheres do sertão nordestino relata as dificuldades para encontrar registros das vidas de mulheres que não tem seus bens registrados em inventários, caso das proprietárias de terras e escravos ou das que tem seus próprios corpos definidos como propriedade, assim realizando um estudo na via relacional, conforme se apreende dos estudos de gênero em confronto com outros eixos como classe e etnia. Outras categorias de mulheres podem ser trazidas à tona, entre elas aquelas institucionalmente livres e pobres, aquelas que pouco aparecem nos documentos oficiais, e que precisam ser reconhecidas a partir da construção de uma história pautada na memória, na oralidade, devidamente problematizadas em seus contextos de vida. Para a autora, no Nordeste foi gestada uma sociedade fundamentada no patriarcalismo, estratificada não apenas entre pobres e ricos, livres e escravos, mas entre homens e mulheres.

No século XIX a mesma autora dá conta da existência de 11.699 mulheres escravas nos sertões nordestinos (FALCI, 2007), uma das figuras a serem abordadas nesse estudo situa-se nesse número. Luzi, a segunda mulher por quem passa essa investigação segunda viveu na segunda metade do século XX, livre e pobre, morreu presa ao machismo que alicerçava a sociedade da época, em analogia à fala de D’Incao (2007) compõe um capital simbólico para o homem da época.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

Em acordo com a literatura sobre o feminino podemos afirmar que a desigualdade dos sexos não é um dado biológico nem um mandato divino, mas uma construção cultural, e, portanto um assunto apropriado de estudo para qualquer disciplina humanística (GREENE; KAHN, 1994).

A proposição desta pesquisa gira em torno de uma História comparada, aqui entendida como um espaço de construção do conhecimento, compreendendo que gênero se dá na relação homem/mulher, já que não existe indivíduo isolado, mas em sociedade (HÉRITIER, 1996, apud BREDER, 2010) e que feminino não corresponde diretamente à categoria mulher, se não estaríamos compreendendo uma sociedade formada por indivíduos que são constituídos apenas do ponto de vista biológico, segundo Freud (1972) “[...] aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (p. 141).

A fim de problematizar o tema proposto a partir das discussões de gênero, cremos que caiba referenciar o entendimento de Grossi (2014) ao compreender que os movimentos sociais, especificamente a luta de mulheres, se refletem na Universidade sendo ela um lugar de produção do saber fortemente influenciada pelas lutas sociais e ainda porque se torna cada vez mais um espaço de mulheres que participam das lutas e buscam respostas para os inúmeros questionamentos que delas surgem, de modo que se busca cada vez mais entender o lugar das mulheres na sociedade. Por outro lado Flax (1991) apresenta a Ciência como uma construção ocidental profundamente marcada pelo patriarcalismo apesar dos esforços em afirmar sua condição “neutra” e “objetiva”, sendo a Universidade um espaço privilegiado para a construção desse conhecimento é importante ao pesquisador estar atento a essa questão.

O feminino é uma categoria de análise nesse estudo, por isso não apenas nos voltaremos a ela, mas ela própria é parte da proposta. A concepção de mundo que pauta o comportamento de mulheres e homens reserva ao feminino o papel mais “edificante”, que é o da reprodução, da boa mãe, da esposa dedicada, da mulher sensível, da educadora comprometida (BEAVOUIR, 1960; GREENE; KAHN, 1994). Essa construção cultural colocou a mulher ou próxima da figura devotada e de santidade similar à Virgem Maria, ou em seu extremo oposto, da mulher inconsequente e rebelde como a Eva caracterizada pela tradição judaico-cristã.

A história tradicional se referia ao estudo de um passado distante, e que muitas vezes não estava em consonância com a realidade daqueles que sobre essa história se debruçavam, contudo a Nova História não só permite, mas orienta um estudo de temas do presente relacionado ao passado, sobre isso Le Goff (1976) nos ensina que “o advento da chamada “Nova História”, com seus “novos temas” e “novas abordagens” e “novos sujeitos” possibilita ao pesquisador dedicar-se ao estudo de



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

temas contemporâneos antes considerados afastados da pesquisa história. O arcabouço teórico deste projeto transita de forma interdisciplinar buscando elementos que possam contribuir para um debate horizontalizado que traga ao centro o feminino em perspectiva.

A fim de problematizar a questão e ao mesmo tempo definir um recorte temporal e espacial para o estudo, tomamos contato com a história de mulheres da região do Cariri, muitas delas envoltas em contextos de violência e impunidade, outras nem tanto. A dinâmica do feminino naquele lugar, bem como o debate teórico que tem se aprofundado desde a segunda metade do século XX, influencia esta reflexão que se esgueira entre as dinâmicas sociais e os instrumentais que impactam os discursos. Tomando por base o entendimento de Foucault (2014) “(...)todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que trazem consigo” (p.41). Dessa forma discutir o feminino passa pela discussão acerca das dinâmicas educacionais, aí entendidas não apenas como o espaço dedicado à escolarização, mas também aos sistemas jurídicos, à imprensa, ao doutrinamento religioso, entre outros espaços de troca de experiências e constituição e propagação de discursos.

Compreender como os processos educativos se estruturam frente às dinâmicas sociais passa por uma discussão acerca dos aspectos históricos e culturais de uma comunidade, daí lidar com o feminino, tentar apreender, confrontá-lo com seus dilemas demanda uma postura de pesquisa que se volta ao encontro do outro, numa metodologia ampliada que reconheça a pluralidade de fontes que podem contribuir para a constituição das representações do feminino num dado momento e espaço e que influenciam os sistemas educacionais.

Podemos registrar na região do Cariri cearense e no Ceará relatos orais e escritos, documentos oficiais e não-oficiais que falam de mulheres, de seu cotidiano, de seus feitos, de seus embates gritados ou silenciosos. São mulheres do povo ou da elite, guardam entre si a característica comum de terem suas vivências entrelaçadas pela via relacional com o masculino em perspectivas várias, relações de vida ou de morte.

Tomemos como exemplo mulheres que após serem vítimas de violências que as levaram a morte, passam a atrair o interesse das populações que conferem a essas mulheres uma devoção espontânea e não amparada formalmente pela Igreja Católica. Podemos citar nesse cenário as histórias de Benigna Cardoso da Silva em Santana do Cariri, Francisca Maria do Socorro em Milagres e Francisca Augusta da Silva em Aurora.

Por outro lado não são apenas as santas e violentadas em sua constituição física que compõe as representações do feminino no Cariri, há um espaço dedicado às mulheres de letras e às mulheres



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

de “boa” família, essas em alguma medida influencia e são influenciadas pelo discurso acerca dos papéis definidos para o feminino. Nessa esteira podemos citar mulheres como Bárbara de Alencar, Amália Xavier e Assunção Gonçalves que gozaram de prestígio social e suas vivências contribuíram para constituição das representações sobre o feminino na região.

No seção a seguir trataremos discutiremos acerca da relevância da História da Educação Comparada e sua relação com o debate sobre gênero, debate este que avançou no Brasil na segunda metade do século XX e tem contribuído para a construção de interesses trabalhos interdisciplinares que relacionam educação, família, feminino e sexualidade.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COMPARADA E O FEMININO: APROXIMAÇÕES NECESSÁRIAS

Na perspectiva da História da Educação Comparada, situamos esse estudo em face da análise das representações acerca do feminino que de alguma maneira influenciaram a constituição de cenários educativos.

Estudos em educação são fundamentais na medida ressaltam conhecimentos e processos de conhecimento úteis ao esclarecimento individual e coletivo, tanto no que concerne às necessidades compreendidas como básicas, como conhecimentos acerca de alimentação, habitação, conservação da saúde entre outras, como também conhecimentos úteis à compreensão dos sentimentos de coesão e solidariedade entre os membros de uma comunidade, como é o caso da proposta aqui apresentada. Importa dizer que as instituições formais de ensino se configuram conforme aponta Silva (2013) a partir das manifestações de valores culturais e orientados pela política, conforme a concepção de mundo e de vida que a orienta, por isso uma história de gênero enfocada em um contexto educativo se mostra importante enquanto contribuição para o melhor entendimento das relações sociais e dessas com a configuração da educação atual.

Segundo Nóvoa (1998), há estudos em educação que não abrem mão de relacioná-la ao processo de globalização e a apropriação da “cultura global” por parte das comunidades, corroborando com o que é identificado pelo autor propomos um estudo que ao mesmo tempo em que ressalte o feminino e seus embates, que nos parecem a temporais, ainda buscam fortalecer a cultura local e a história local numa perspectiva política, de defesa das raízes de nossas comunidades. Para ele:

Contrariamente ao que é habitual, a disciplina não tem como matriz a compartimentação dos Estados nas suas fronteiras geográficas e políticas; bem pelo contrário, procura inserir-se numa dinâmica de comparação que, sem esquecer este nível, integre o ‘infinitamente



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

grande' (influências globalizantes) e o 'infinitamente pequeno' (realidades locais) [...] (NÓVOA, 1998, p. 9).

As possibilidades de interface entre a história de mulheres e os espaços de educacionais são variadas e necessárias. Compreendemos esses espaços na perspectiva de Simson (2001), que define que a educação formal consiste no tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas (p. 9) e a educação informal, como todas as possibilidades educativas ao longo da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. (AFONSO, 1989, p. 78 *apud* SIMSON, 2001, p.9), e nesses cenários, assim como nos demais que compõem o tecido social, está presente a questão de gênero.

Ao desenvolver estudos que tratem de localizar o feminino numa via relacional pode o historiador elencar evidências importantes para buscar compreender a realidade histórica. As temáticas que envolvem o feminino são múltiplas, pode-se empreender uma análise do feminino no campo do trabalho, da sexualidade, da família. Esses são eixos que se cruzam quando se decide empreender um estudo que trate da Educação numa perspectiva comparada com um olhar voltado para o passado. Continua atual, por exemplo, o debate que discute a feminização do trabalho, tanto o trabalho docente quanto as demais ocupações, esse fenômeno impactou no delineamento das políticas educacionais mundo afora.

No âmbito da Linha História da Educação Comparada (UFC-FACED), em seu eixo Família, Sexualidade e Educação, empreendem-se em cooperação com outras instituições de pesquisa no Brasil e no exterior pesquisas a luz dos estudos já desenvolvidos e em desenvolvimento sobre a temática. Há uma forte preocupação desses trabalhos em estabelecer a relação comparativa sobre a situação da mulher no capitalismo entre épocas passadas (ARAÚJO; HOLANDA, 2013; 2014). Não há que se ousar desenvolver um estudo histórico que abra mão da responsabilidade de reconhecer as multiplicidades de sujeitos e cenários, nesse sentido a História da Educação Comparada contempla a heterogeneidade temática e metodológica necessária a compreensão dos fenômenos educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito da escassez de registros do passado das mulheres, testemunhamos uma crescente produção acadêmica sobre o feminino, seus dilemas e suas relações, sejam elas na esfera privada ou na esfera pública. Se multiplicam biografias, estudos do cotidiano, análises de cenários educacionais, relacionando temas aparentemente díspares mas que tentam dar conta da multiplicidade presente na vivência dos indivíduos em sociedade.

Atualmente a discussão de gênero e a tentativa de consolidar estudos que evite a dicotomia e segregação dos gêneros e vá além, trazendo a perspectiva do relacional está em alta. À luz da



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

História Cultural, a ciência histórica vem dinamizando as fontes, buscando pistas, encontrando evidências e as indagando de modo a transpor o silêncio, construindo estudos que ampliem o horizonte de análise sobre esses sujeitos históricos.

Com fins de melhor sinalizar o compreender e o fazer educacional, a História de Educação Comparada como campo interdisciplinar congrega as contribuições de várias Ciências e se integra ao debate sobre Gênero enquanto eixo aglutinador de análise. Olhar a História e a Educação também a partir dessa categoria viabilizar uma melhor compreensão dos fins da educação contemporânea e das continuidades e descontinuidades que se configuram na esteira desse processo.

REFERENCIAS

ARAÚJO, Ana Cláudia Uchôa; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho. **A Mulher na Família, no Trabalho e na Docência em EAD - Uma Análise Bibliográfica.** Conexões: Ciência e Tecnologia, v. 8, p. 9-63, 2014.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BREDER, Débora. Françoise Héritier & Pierre Bourdieu. **A construção hierárquica da diferença masculino/ feminino.** Cadernos de campo, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História : ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CUNHA, M. C. P. **O espelho do mundo.** Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986;

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2007.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores.** O saber médico e prostituição no Rio de Janeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988;

ESTEVES, M. de A. **Meninas perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro de Belle Époque.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989;

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

FREUD, S. A feminilidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas.** Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. XXII.

_____. **O mal-estar na civilização e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229

- GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e sexualidade**. UFSC. 2014 Disponível em <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/artigos/> . Acesso em 19/04/2015.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, São Paulo, 2003.
- MELO e SOUZA, L. de. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- MEZAN, L. **Honradas e devotas**; Mulheres da colônia: estudos sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do Sudeste. São Paulo, 1992. Tese (Doutoramento) - Universidade de São Paulo.
- NERI, Regina. Crise do Masculino-paradigma do sujeito universal metafísico. In: **APsicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**: novas configurações da diferença sexual. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005.
- NÓVOA, Antonio S. Sampaio. **Modelos de Análise em Educação Comparada**. Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 1994.
- PERROT, Michelle. **DOSSIÊ: "História das Mulheres no Ocidente"**. Escrever uma História das Mulheres. Cadernos Pagu (4) 1995: pp. 9-28.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica** (1989). Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em 27 de julho de 2016.
- SILVA, Josier Ferreira da. Configuração Espacial dos saberes rurais e urbanos por meio das políticas de desenvolvimento regional. In (2013) **História da Educação Comparada: Missões, Expedições e Intercâmbios**. Fortaleza, Edições UFC, 2003 (pp.447-467).
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. v, PARK, M. B, FERNANDES, R. S. (orgs.) **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001. 315p.
- SOIHET, R. História de Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS. Ronaldo(orgs.). **Domínios da História** : ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997
- SOIHET, R. **Condição feminina formas de violência**. Mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- TEIXEIRA, Maria Julina Gambogi. **O pecado do historiador: para uma leitura d'A Feiticeira, de Jules Michelet**. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 438-452, jul./dez. 2013.